

As condições da exploração psicanalítica das problemáticas narcísico-identitárias

René Roussillon¹

Resumo

O autor propõe uma reflexão sobre a necessidade de se expandir a psicanálise para atender as novas problemáticas narcísico-identitárias e que não entram no registro padrão da prática psicanalítica. Destaca como um dos maiores problemas do futuro da psicanálise a extensão de sua prática e das condições desta, de maneira a não perder de vista seus fundamentos, indicando a associatividade e sua escuta.

Palavras chaves: patologias narcísicas; método; associatividade.

Introdução

Um dos maiores problemas do futuro da psicanálise é o de suas extensões, do alcance de seu campo de eficácia e de competência, da extensão de sua prática e das condições desta.

A psicanálise, inicialmente, foi definida a partir não somente de seu método, mas também de um dispositivo singular, um dispositivo “padrão”: o dispositivo divã-poltrona utilizado um número suficiente de vezes por semana (3, 4, 5 sessões semanais, conforme o tempo, o país e as indicações específicas). Ela foi definida, em sua origem, a partir deste dispositivo padrão e de um método padrão, assim como de uma teorização padrão, quase que exclusivamente centrada na escuta do funcionamento intrapsíquico do sujeito em análise. A partir de tal definição foram definidas “indicações”, ou seja, tipos de sujeito ou de psicopatologias que pudessem se beneficiar do seu emprego.

Neste contexto, a exigência de uma extensão é dupla.

Ela surge, inicialmente, a partir da constatação de que há um certo número de formas de sofrimento humano que apenas uma escuta psicanalítica pode aliviar, mas que não podem ser tratadas dentro do dispositivo padrão nem com uma metapsicologia padrão. Assim, em qual dispositivo e com qual metapsicologia abordá-los?

E, em seguida, a constatação de que a questão das indicações apresenta-se de forma bem complexa, simultaneamente em termos dos sujeitos e de seus “momentos” ou estados internos, mas também no nível das psicopatologias. As indicações são aqui da psicanálise, de alguns psicanalistas, ou ainda indicações de certas formas

1 Analista didata da Sociedade Psicanalítica de Paris SPP, presidente do Grupo de Analistas de Lyon, docente da Universidade de Lyon 2.

de praticar a psicanálise? É dizer também que o singular talvez não seja da ordem do dia, ou não o seja mais, se é que ele já o foi: existe uma psicanálise, uma só, ou práticas psicanalíticas que apresentam, ainda que com o mesmo objetivo confesso, diferenças às vezes consideráveis?

Gosto muito do conceito proposto por D. W. Winnicott de “exploração psicanalítica” para definir o estatuto do tratamento de alguns analisandos que apresentam questões narcísico-identitárias e que não entram no registro padrão da prática psicanalítica à medida que a questão da identidade do sujeito é central e a da diferenciação eu/não-eu essencial. Esse registro, portanto, diz respeito tanto aos analisandos considerados “casos-limite”, “*borderline*”, “narcisistas” como a um desfile de modos de funcionamento psíquico que tendem a produzir, quando em análise, as formas de transferência marcadas pelo paradoxo, a paixão, a negatividade, o limite, a confusão... e não pelo conflito, o afeto-sinal, a ambivalência, a castração, a ilusão...

O maior problema da questão das extensões pode agora ser formulado: até onde as extensões da psicanálise (fora de sua definição padrão) permitem a ela permanecer “psicanalítica”, e quando é que a extensão a faz perder esse estatuto na prática? É, como constata-se facilmente, a questão da definição do “psicanalítico” que está fundamentalmente implicada, a questão do que fundamenta a psicanálise para além de suas formas locais ou “regionais”, formas que ela pode tomar em tal ou qual situação clínica singular. Essas reflexões são cruciais se não quisermos que a questão da extensão da psicanálise, para além da situação e da prática padrão, sirva de passaporte às múltiplas derivas que fariam perder à psicanálise sua essência mesma. Quanto mais quisermos pensar a questão das possíveis extensões da psicanálise, mais devemos ir aos próprios fundamentos de seu emprego, e mais necessitamos de rigor nas condições da extensão e do que a fundamenta.

Associatividade nos fundamentos da psicanálise

Quando nos debruçamos sobre a questão dos fundamentos da psicanálise somos, imediatamente, confrontados com a questão da associatividade e, acoplada a ela, com a da transferência.

A associatividade é mais conhecida na psicanálise em função da regra, dita fundamental, da associação-livre; ela é então conhecida principalmente como método, e supõe-se tão “bem conhecida” que os trabalhos que lhe são dedicados são muito raros, como se sua mera enunciação fosse suficiente. Isso é muito estranho, à medida que a regra é especificamente chamada de “fundamental”, isto é, apresenta-se como um dos fundamentos da prática psicanalítica. Ao mesmo tempo, ao lermos

os relatórios de sessões ou de tratamento, ficamos atônitos pelo fato de bem poucas observações, com exceção da análise dos sonhos, considerarem as redes associativas do analisando. Tudo parece se passar como se a regra e a associatividade não constituíssem (mais) problema em psicanálise, ou ainda que o exercício da psicanálise houvesse obscurecido seu uso fundamental.

No entanto, quando nos debruçamos um pouco mais sobre o assunto, podemos constatar que o que é dado como muito familiar encobre na verdade uma complexidade relativa a toda uma série de questões largamente obscurecidas pelos hábitos institucionais.

A primeira observação que se impõe é que se a associatividade tem um sentido de enunciar uma regra da associação livre, se esta tem então um sentido, é porque ela repousa sobre uma concepção do funcionamento associativo da psique. O fato é raramente observado e, por isso, merece a recordação de alguns dos marcos de sua descoberta.

Se o século XIX não descobriu a associatividade, ela ocupa, no entanto, um lugar importante na sua episteme e não é por acaso que a filosofia dita “associacionista” nela encontra seu desenvolvimento. Mesmo no campo da psicopatologia encontramos seus vestígios, as históricas são consideradas “associativas” sem hesitação, no sentido de que seu raciocínio passa muitas vezes *du coq à l'âne*.² Quando nos debruçamos sobre os traços que Freud nos deixou de sua consciência a respeito das origens de seu método, encontramos um pequeno artigo de 1920 “Uma nota sobre a Pré-História da técnica da Psicanálise”, no qual ele se refere a suas leituras adolescentes de um autor do Romantismo alemão, L. Börne, origem primeira de sua descoberta do método associativo. Em um escrito intitulado “Como se tornar um escritor original em três dias”, L. Börne apresenta a escrita associativa como a chave de seu método. Na realidade, o próprio Börne deve a “invenção” do método aos Mesmerianos e aos primeiros espíritas da clínica de Chevalier de Barberin sediado na colina da Cruz Vermelha de Lyon. O método foi inventado por dois “sonâmbulos artificiais” (chamados G. Rochette e agente desconhecido) dessa clínica e, em seguida, transmitido pelos alojamentos maçônicos até Estrasburgo,³ porta de acesso da época à Alemanha e ao romantismo alemão do início do século XIX. O curioso da história, e sua justiça poética, é que os surrealistas retomariam da psicanálise um método que ela mesma diz ter tomado da literatura!

É em “Estudos sobre afasia”, de 1891, que observamos os primeiros traços do encontro da associatividade com a clínica. Nesse texto Freud propõe uma teoria da representação psíquica, resultado de seu trabalho sobre a afasia, que ele apresenta

2 N.T. Do galo ao burro: expressão francesa que significa saltar de um assunto a outro.

3 Para aqueles que quiserem mais dados sobre esta questão, indico meu livro *Du baquet de Mesmer au Baquet de Freud* de 1995, PUF.

como um conjunto de elementos de percepção “associados”, conectados entre eles. O modelo proposto é, surpreendentemente, moderno e “neurocientífico”, e pode se aproximar ao de F. Varela, por exemplo, das teorias conexionistas da representação,⁴ ou ainda daquele dos “conjuntos neurais” de Hebb (1949).

No famoso “Projeto para uma psicologia científica”, de 1895, Freud permanece em seu modelo de um funcionamento associativo da psique. Refere-se, explicitamente, ao modelo dos reflexos condicionados para pensar a criação dos sintomas, ou seja, um modelo em que na associação por simultaneidade ou contiguidade são estabelecidas “falsas ligações” históricas à origem das reminiscências. Notamos ainda a modernidade do modelo, comparando-o com, por exemplo, o modelo de J. Ledoux (2005) que também confere aos reflexos condicionados uma importância completamente essencial no funcionamento cerebral e, particularmente, na vida emocional.

Quando, na mesma obra de 1895, Freud tenta modelar o funcionamento do ego, é novamente um funcionamento associativo que ele propõe: o ego aparece como um conjunto de conexões associadas. Ele acrescenta que algumas associações podem ser impedidas ou inibidas pela mobilização de defesas primárias (recalque) que tendem a bloquear a circulação associativa entre diferentes partes do ego. O ego é um conjunto de elementos complexos associados entre si, um grupo de grupos associativos, de complexos associativos. Deve-se enfatizar que o modelo abrange tanto o funcionamento básico da psique quanto o seu funcionamento patológico: alguns eventos da vida podem definir um conjunto de elementos associados por acaso (por contiguidade ou simultaneidade), podem determinar a associação de certos elementos por “razões” meramente conjunturais. A defesa primária (1892) define o fluxo associativo da vida, impede as recombinações necessárias para a adaptação ao presente. É por isso que o método da associação livre, liberado, “trata”, ele reinicia a livre circulação dos fluxos associativos, libera o funcionamento psíquico de seus “pontos de fixação”, suas ideias fixas (Janet).

Ainda em 1895, os “Estudos sobre a histeria” esclarecem, em particular, as primeiras versões do método, tanto em seus aspectos técnicos como em sua utilização. É inicialmente a técnica da “pressão da mão sobre a testa”: quando a mão é retirada uma ideia deve surgir, a primeira ideia que vem à tona é a boa, aquela que procuramos. E esta técnica deve ser repetida quantas vezes for necessário. Em “A interpretação dos sonhos” (1900) a técnica já evoluiu, não é mais a primeira ideia associada que aparece como pertinente para a análise, são também as ideias associadas a essa primeira ideia, o encadeamento das ideias que é visado pelo processo. O analista recorta o sonho em itens e cada um deles é o ponto de partida de uma cadeia, de uma árvore associativa, a associação é “focal”, ela está focada em um determinado item.

4 F. Varela “Connaitre les sciences cognitives”.

O psicanalista, que mantém o controle do tratamento, liga em seguida os grupos associativos assim produzidos para oferecer a sua interpretação do conjunto, ele faz a síntese. O sonho da “injeção de Irma” é analisado segundo esse modelo, o texto e seu recorte singular não deixam dúvida sobre esse ponto, como também os sonhos de Dora, em 1899. É apenas em 1907, a propósito⁵ do tratamento do “Homem dos ratos”, que Freud anuncia que o método psicanalítico a partir de agora se apóia em uma “regra da associação livre”, liberada de qualquer indução associativa.

Na Ata da Sociedade Psicanalítica de Viena (NRF, p. 247) Freud declara:

A técnica de análise mudou à medida que o psicanalista não procura mais obter o material de seu próprio interesse, mas permite ao paciente de seguir o curso natural e espontâneo de seus pensamentos... (sessão de 30 de Outubro de 2007)

É, portanto, o analisando que “escolhe” sua temática associativa na sessão, “segue o curso natural e espontâneo do seu pensamento”. Enquanto isso, Freud pôde pensar que as associações “livres” eram realmente “forçadas” pela existência de “complexos associativos” inconscientes que controlam o seu curso. Não há mais, portanto, o temor de se perder no caminho, pois uma coerência interna secretamente rege o fluxo associativo, não há mais necessidade de controle do externo, ele possui sua “lógica” interna a cuja escuta o psicanalista deve agora se consagrar.

A escuta psicanalítica da associatividade

Então, o método e os processos que a executam dependem da concepção que Freud faz do funcionamento da psique, da convicção que ele tem de sua coerência profunda. Se a regra tem um sentido, é porque Freud dispõe de uma teoria associativa do funcionamento psíquico; e ele acredita que a psique é coerente, para além das aparências psicopatológicas. Desde 1895 e de “Psicoterapia da histeria”, ele declara que é razoável esperar que as associações das históricas sejam “coerentes”, e se elas não se apresentam como tal, é porque um elo permanece escondido, obscuro, inconsciente.

O médico pode exigir de uma histórica associações lógicas, motivações semelhantes àquelas exigidas de um indivíduo normal. No campo da neurose as associações permanecem lógicas. (p. 237)

5 Encontramos a indicação na Ata da Sociedade Psicanalítica de Viena.

Sua convicção se fortalece nos anos seguintes à medida que ele se aprofunda na concepção daquilo que organiza e agencia secretamente os laços associativos, ele consegue revelar a lógica dos “complexos associativos” e outras formações do inconsciente.

Daí em diante, vai se revelando progressivamente que o “fundamental” no método não é tanto a regra em si – ele apenas traduz uma regra de escuta da associatividade, ele só facilita o trabalho –; o que é fundamental é a regra da escuta do psicanalista. Ele deve escutar as associações com a ideia de que elas são coerentes, o que implica que se dois elementos são associados é porque eles possuem um elo. Se o mesmo é manifesto, se é “evidente”, dado na consciência, coerente, não há problema; tais elementos começam quando o elo não é manifesto, não é evidente, não é dado, não é “consciente”: aí abre-se a especificidade da escuta da clínica psicanalítica. O analista deve escutar as associações, questionando o elo implícito, inconsciente, ele deve fazer suposições concernentes a este elo, tentar reconstruí-lo e reconstruir a lógica por trás da cadeia associativa.

Nota: É com base nessa hipótese metodológica de escuta que compreende-se a transferência, ela é diretamente articulada à questão da associatividade e isso acontece desde 1900 em “A interpretação dos sonhos”, onde vemos:

Aprendemos... que a representação inconsciente é absolutamente incapaz, como tal, de entrar no pré-consciente e que ela só pode nele se manifestar ligando-se a uma representação inocente já pertencente ao pré-consciente, transferindo sobre ela a sua intensidade e deixando-se recobrir por ela. Este é o fato da transferência que detém a elucidação de tantos acontecimentos marcantes na vida psíquica dos neuróticos. A transferência pode não modificar a representação pré-consciente que alcança, assim, uma intensidade de grandeza desmerecida, ou mesmo impor a ela uma modificação pelo conteúdo da representação que é transferida. (Freud, 1900, pp. 616-617, trad. 2003).

Dois tipos de coerência emergem da perspectiva freudiana da época. A consistência é conjuntural: ela é ligada aos dados singulares de um momento na história do sujeito, as ligações são então estabelecidas no modelo do reflexo condicionado mencionado acima, elas são condicionadas por elementos que podem ser acidentais e que valem, apenas, por sua proximidade ou simultaneidade com o evento psiquicamente marcante.

Ou ela é estrutural: o que Freud foi esclarecendo aos poucos é que ela é então ligada às grandes questões, aos grandes conflitos, às grandes dificuldades da vida humana e, principalmente, a tudo que concerne a vida afetiva e sexual do sujeito.

Como elas estão, na maior parte do tempo, em contraste com a vida social cotidiana (que é muito dessexualizada) elas são frequentemente recalçadas, tanto que Freud vai gradualmente colocar em evidência que elas são também “atraídas” por formações organizadoras da vida psíquica inconsciente, “conceitos inconscientes” (Freud, 1917), as “formações⁶ originárias” que terão também um status quase estrutural em seu pensamento, um status de “conceitos inconscientes” (1917).

É nessa “teoria mínima” do funcionamento psíquico do sujeito que a escuta psicanalítica será baseada, ela estará latente em sua escuta, mas organizará sua forma. A atenção “igualmente flutuante”, a equalização metodológica da escuta que ela implica, que prescreve nada esperar de específico quando se escuta um analisando durante a sessão, faz com que o analista, por sua vez, “associe livremente” tomando as associações do paciente e sua ruptura aparente de conexão como ponto de partida. A regra é a mesma para os dois protagonistas da situação psicanalítica, simplesmente ela funciona em um plano deslocado para o analista à medida que para o paciente o que move sua cadeia associativa são os eventos inapropriados de sua história, ao passo que para o analista são os brancos, as rupturas, as ideias incidentes, as incoerências, as particularidades das cadeias associativas do analisando, o analista associa sobre as associações do analisando. A situação psicanalítica é uma situação de co-associatividade, de associatividade a dois.

A associatividade do analista supõe uma forma de duplo dever implícito. Por um lado ele associa “em duplo”, em identificação com seu analisando (ele está “lado a lado” com o mesmo) sem o qual ele nada perceberia do que ocorre neste. Mas ele está também afastado dele, sem o que ele não perceberia onde o analisando e a cadeia associativa vacilam, onde as singularidades de sua vida psíquica inconsciente se manifestam. Teoricamente, a própria análise do analista permitiu-lhe adquirir uma liberdade associativa de tal forma que ele perceba as rupturas associativas do analisando, onde ele não pode continuar seguindo-o “em duplo”, onde suas próprias cadeias associativas o levam a algum lugar diferente de onde o analisando vai ou parece ir, isto é, onde as idiosincrasias específicas do analisando se manifestam.

É também aqui que o trabalho de interpretação-construção toma sentido, em conexão com essas rupturas ou peculiaridades da associatividade do analisando. Quando Freud (1938) em “Construções em análise”, examina os critérios que podem orientar o analista na avaliação dos efeitos de seu trabalho de interpretação-construção, ele recusa de uma vez as tentativas de se basear somente no acordo ou

6 Prefiro usar formação ou conceito a usar “fantasia originária”. Em 1916, Freud lhe confere um valor organizador da experiência psíquica. Em 1917, sobre o “objeto pequeno destacável” e a “castração”, ele propõe a ideia de que este é um “conceito inconsciente” e mostra que é um organizador de uma parte da associatividade psíquica que permite a diferentes “significantes” da castração deslizar uns sobre os outros.

desacordo do analisando: estes estão muito sujeitos aos efeitos de complacência, de resistência ou de revolta e muito sujeitos aos efeitos de sugestão ou contra-sugestão; enfim, à situação transferencial. O que para ele parece mais pertinente é o que propus chamar de “generatividade associativa” da intervenção do analista, isto é, associações que a intervenção agora torna possíveis. Ainda aqui, é à associatividade que o trabalho psicanalítico se refere, é nela que ele encontra o seu fundamento e sua razão de ser, que ele é avaliado.

Não posso finalizar este assunto sem dois comentários.

O primeiro diz respeito à questão da relação entre associatividade e reflexividade. Prefiro o conceito de reflexividade a aquele mais clássico de “tomar consciência”, pois ele parece identificar mais precisamente o que está em jogo no trabalho psicanalítico (R. Roussillon 1978, 1991, 1995, 2008). Parte do trabalho psicanalítico e de seus efeitos ocorre, de fato, sem consciência clara desses processos (essa consciência, aliás, não é necessária), frequentemente sua necessidade aponta que é preciso o controle do analisando ou do analista. No entanto, o trabalho psicanalítico não pode mais ser concebido independentemente do aumento da reflexividade do sujeito, ele visa a permitir uma melhor forma de “se entender”, de “se ver” e “se sentir”. O horizonte do trabalho psicanalítico, e possivelmente de todo “verdadeiro” tratamento psíquico, é de alterar os sistemas de regulação de associatividade. Se ela é inevitável e naturalmente regulada por sistemas de inibição que lhe permitem se ajustar às situações encontradas na vida cotidiana, e que supõem que algumas associações são recônditas, os sofrimentos que conduzem os sujeitos em análise (ou que se manifestam de maneira “psicopatológica”) resultam sempre de sistemas de regulação marcados por defesas excessivas contra alguns conteúdos psicoafetivos. A psique não pode prescindir de sistemas de regulação que são também sistemas de organização⁷, seus estados internos dependem da natureza das mesmas. O desafio, a questão fundamental do trabalho psicanalítico, é de fazer evoluírem os sistemas de controle da psique e permitir, sempre que possível, o desenvolvimento de uma regulação pela simbolização e a reflexividade que ela torna possível. Eu faria tranquilamente a hipótese que uma propriedade emergente de uma associatividade suficientemente implantada seria, com precisão, a reflexividade, e este é o horizonte da “generatividade associativa” que mencionei acima. É quando a associatividade atinge um grau suficiente de complexidade que ela pode refletir-se e descobrir-se modo de simbolização, e não o “em si” da coisa; ao passo que quando ela está muito inibida, fica presa em uma atualidade que interdita sua apropriação subjetiva verdadeira.

Minha segunda observação abre um novo campo de interrogação; ela vai permitir que a questão das extensões, que nos guiou no início, comece a encontrar seu

7 Nesse sentido, não usei associatividade/dissociatividade para não sobrecarregar, desnecessariamente, minha proposição.

lugar na minha argumentação. É clássico ouvir, quando falamos de associação-livre, a associação-livre verbal. Esse fato tornou-se quase emblemático desde Lacan e seu famoso Discurso de Roma de 1953. Mas esta afirmação – que em seu tempo foi seguramente muito importante para o desenvolvimento da psicanálise e sua relação com a atividade simbólica – está longe de ser óbvia quando seguimos de perto os desenvolvimentos freudianos, e é pouco pertinente quando nos interessamos pelo trabalho psicanalítico com crianças (a não ser talvez para dar um sentido tão grande ao verbal que cobriria todo o campo da comunicação humana e suas línguas, o que traria muitos problemas). Eu proponho agora levantar a questão do pensamento de Freud e seus diferentes desenvolvimentos.

Referenciais para uma extensão da psicanálise

A extensão da psicanálise é sobretudo a extensão do campo de competência de sua escuta a problemáticas que não são (não foram) “tradicionais” na clínica psicanalítica “padrão”, ou seja, aquela que incide sobre a dupla diferença dos sexos e gerações. Expandir a problemática a esse nível é passar a analisar as condições da diferença eu/não-eu, tanto em relação à capacidade do eu de se ligar ao não-eu quanto a diferenciar-se dele, pois essa problemática se dá nos dois sentidos.

Todavia, a abordagem psicanalítica dessa problemática imediatamente esbarra em uma dificuldade maior. Tudo leva a crer que, mesmo que ela atravessasse todas as idades da história individual, ela tenha mesmo assim um período decisivo para a sua configuração: o período anterior ao da linguagem verbal, aproximadamente os dois primeiros anos de vida. O fato não escapou a Freud, que propôs diversos referenciais úteis para a sua abordagem.

Em “Construções em análise”, trata-se de estender a competência da escuta psicanalítica à psicose, ele relaciona os eventos traumáticos desta “a um período anterior à aparição da linguagem verbal”; ele propõe basear o tratamento, então, na reconstrução dos eventos em questão, a fim de extrair dali o núcleo de verdade histórica.

Algum tempo depois, nas poucas notas que ele nos deixou quando de seu exílio em Londres, ele continua sua reflexão enfatizando que o impacto das experiências precoces se mantém muito mais do que nas experiências mais tardias. Ele propõe assim (e esse comentário é raro) um complemento à teoria da compulsão à repetição: tendem a se repetir compulsivamente as experiências precoces, arcaicas, mais precisamente aquelas que ele mencionou em “Construções em análise”, aquelas que “precedem o aparecimento da linguagem verbal”. Ele oferece em seguida uma

explicação; ele observa: “explicação, fraqueza da síntese”. Ele indica que, segundo ele, as experiências precoces que tendem a se repetir compulsivamente são aquelas que não puderam ser integradas devido à fragilidade da síntese. Outra observação, implícita em sua proposta, deve ser esclarecida: se nas épocas anteriores ao aparecimento da linguagem verbal existe uma fragilidade da síntese, é possivelmente porque a linguagem verbal tem uma participação significativa na mesma, que ela lhe é um vetor privilegiado.

Desse modo, então, o confronto psicanalítico à compulsão à repetição, às experiências e traumatismos precoces, passam por uma evolução paradigmática do trabalho psicanalítico.

Por um lado, certas experiências históricas voltam ao sujeito a partir de percepções que se dão como atuais, alucinação e percepção não se opõem mais, as percepções atuais podem ser infiltradas pelo retorno alucinatório de experiências arcaicas que vêm se “disfarçar” (Freud, 1938) no presente.

Trata-se então, pelo outro lado, de “reconhecer” o núcleo de verdade histórica que elas contêm, de reconstruir as experiências históricas implicadas para integrá-las (síntese) na trama da subjetividade.

Uma consequência desta evolução paradigmática aparece, daqui em diante, na necessidade de escutar as experiências que precedem a aparição da linguagem verbal. E como, sem deixar de ser psicanalista, realizar esta escuta? Podemos imaginar que o que dessas experiências pôde ser capturado na linguagem verbal, integrado nela, pode ser ouvido a partir da escuta psicanalítica padrão. Mas pressentimos também que o que escapou à síntese também escapou a essa captura, que o que se repete compulsivamente é exatamente o que escapou a essa segunda integração e então às formas de memórias ditas “declarativas”, isto é, produzindo “lembranças” vividas subjetivamente como tais. O retorno das experiências arcaicas não integradas efetua-se de maneira “processual”, ou seja, elas imprimem sua influência nos seus modos de tratamento, nos próprios processos de tratamento, “representações” que comandam a sua atividade. É principalmente em procedimentos, mais que nos conteúdos, os processos psíquicos nos quais elas manifestam sua presença sempre atual. Elas tendem, então, a retornar ao presente da subjetividade como se elas fossem sempre atuais, e sob a mesma forma de seu primeiro registro. São experiências que precedem a aparição da linguagem verbal, elas retornam na “linguagem da época” de seu registro, linguagem do afeto, linguagem da sensório-motricidade, do ato, linguagem do corpo, contemplados como linguagens narrativas.

Nós chegamos ao ponto onde a questão clínica e técnica da extensão da escuta psicanalítica pode encontrar sua forma, ela supõe que a escuta da associatividade possa integrar também suas formas de linguagem pré e não verbais, ela supõe um modo de escuta que integre e se misture à escuta das cadeias associativas verbais,

“associações” advindas das diferentes formas primárias de expressão apoiando-se no corpo, consideradas como primeiras linguagens.

À escuta da associatividade não verbal

Um “retorno a Freud” se impõe, então, retorno em direção aos tempos primeiros, originários, do método psicanalítico, à maneira com a qual Freud pensa a questão da associatividade pertinente na escuta psicanalítica, retorno ao fato de Freud integrar imediatamente essa possibilidade, tomar como inerente à sua escuta. Retomemos alguns marcos de sua contribuição.

Em “Estudos sobre a histeria”, antes de tudo, e mais particularmente em “Psicoterapia da histeria” (1894), Freud mostra como ele compreende a utilização do método associativo, e vemos claramente que ele integra por completo as diferentes manifestações corporais, em particular tudo o que revela sintomas de conversão histerica que ele ouve como “misturado à conversa” (Freud 1894). Porém, na sua escuta ele integra também tudo o que aparece do registro mimo-gesto-tônico-postural que também possui “algumas palavras a dizer” (Freud 1894). É digno de nota que para Freud o sintoma ou a manifestação corporal é tratado como uma instância de verdade, como uma bússola. Se, por exemplo, um indivíduo declara que ele não tem mais nada a dizer, mas o sintoma persiste, Freud segue a indicação apresentada pelo sintoma e tem a convicção que nem tudo foi dito. É apenas quando o sintoma corporal desaparece que Freud considera que o complexo associativo relativo ao sintoma foi totalmente evocado.

Além disso, as pernas dolorosas começaram também a “falar” durante nossas sessões de análise... em geral no momento em que começávamos a sessão a paciente não sofria, enquanto que através de minhas questões ou pressionando sua fronte, eu despertava algumas lembranças, uma sensação dolorosa se produzia... ela atingia seu ponto culminante no momento em que ela revelaria fatos essenciais e decisivos... Aprendi gradativamente a me servir do despertar desta dor como uma bússola. Conforme ela se calava enquanto a dor não havia ainda cedido, eu sabia que ela ainda não havia dito tudo...”. (p. 117)

Em 1913, em um artigo consagrado a “O interesse científico da psicanálise”, Freud precisa sua posição no que concerne a ideia de uma linguagem em psicanálise, ele precisa então o que ele entende “por linguagem, não somente a expressão dos pensamentos em palavras mas também a linguagem dos gestos e toda forma de expressão da atividade psíquica...”. Esta observação coroa uma série de outras

observações a partir das quais ele desenvolveu diferentes textos de exploração da sintomatologia neurótica.

Em 1907, em um artigo consagrado aos “Atos obsessivos e práticas religiosas”, Freud evoca o ritual de uma mulher que é obrigada a dar várias voltas em torno da bacia d’água, suja por suas abluções, antes de poder esvaziá-la no vaso sanitário. A análise deste ritual compulsivo torna aparente que, não somente “as ações compulsivas estão carregadas de sentido e (postas) ao serviço dos interesses da personalidade”, mas que elas são também a figuração, seja direta ou simbólica, das experiências vividas e, portanto, que elas devem ser interpretadas, seja em função de uma conjuntura histórica determinada, seja simbolicamente. Assim, no que concerne o ritual da bacia, ele adquire ao curso da análise o sentido de um aviso endereçado à irmã da paciente que contempla abandonar seu marido, de não se separar das “águas sujas” do primeiro marido, antes de ter encontrado a “água limpa” de um substituto. Eu enfatizo aqui que, para Freud, o ritual não adquire sentido somente na relação da paciente com ela mesma (sentido, portanto, intrapsíquico), mas que ele se inscreve também na relação com sua irmã, como “mensagem” endereçada a esta. A ação compulsiva tem um sentido, ela “conta” uma história, e é também uma história comunicada, uma mensagem, um “aviso” diz Freud, à irmã da paciente.

O ato “mostra” um pensamento, uma fantasia, ele “conta” um momento da história, mas ele mostra e conta para alguém significativo, ele se comunica, e o faz ainda que não assuma plenamente seu conteúdo, mesmo se o pensamento se esconde por trás de sua forma de expressão. O ato “mostra”, ele não “diz”, ele conta, mas avança mascarado.

Em 1909, Freud continua sua reflexão sobre os ataques histéricos e sua pantomima, em uma linha que já havia começado desde 1892 e também por uma teoria do ataque histérico. Em “Sobre a teoria dos ataques histéricos”, ele sublinha então que aí, a fantasia é traduzida na “linguagem motora”, projetada “sobre a motilidade”. O ataque histérico e a pantomima que ela apresenta aparecem como o resultado da condensação de diversas fantasias (especialmente bissexuais) ou a ação de vários “personagens” de uma cena traumática histórica. Por exemplo, o que é dado como agitação incoerente de uma mulher, como uma pantomima sem sentido, faz sentido ao se decompor o movimento global para fazer surgir uma cena de estupro. A primeira metade do corpo e do gesto da mulher “figura”, por exemplo, o ataque do estuprador que tenta rasgar suas roupas, enquanto que, a segunda metade de sua linguagem corporal refere-se à mulher no processo de tentar se proteger do ataque.

Assim, a pantomima, aparentemente sem sentido e que aparece na cena, manifestada como uma agitação desordenada, é esclarecida se pudermos analisar e decompor os diferentes elementos que organizam, secretamente, o quadro. O que aparece na primeira abordagem como “descarga pura” denuncia, então, a complexidade

significante que a habita e se mascara. A histeria “fala” pelo corpo, mostra o que o sujeito não pode dizer, o que esconde tão bem. Na conversão, Freud apontou que o corpo da histérica tenta dizer as palavras que o sujeito não poderia aceitar pronunciar e de tomar plena consciência. Por exemplo, uma náusea expressa a linguagem cotidiana de ter “dor no coração” (*mal au coeur*), e o mal de ter “dor no coração” vai remeter a uma forma metafórica de pontada no coração, até um amor decepcionado. O ato, nos processos histéricos, pode ser interpretado como um representante-afeto, é a linguagem do ato, passagem da linguagem pelo ato, mais do que a passagem ao ato.

Ele é linguagem enviada, dirigida a si próprio, por assim dizer, mas também endereçada ao outro, à espera, talvez, que o que ele diz sem saber, sem dizer, é ouvido e refletido pelo outro. A partir de “Estudos sobre a histeria”, Freud nota no conjunto dos cenários, narrados e postos em cena, o lugar que é obtido pelo que ele chamou, em 1895, de “o espectador indiferente.” A cena é dirigida a esse espectador, que também é um representante externalizado do ego, um duplo, ela fala “para” este espectador, é mais uma vez “mensagem endereçada” a um outro, como “testemunha” do que não tinha sido historicamente incluído.

E novamente em 1920, quando Freud começou a analisar a tentativa de suicídio da jovem moça que lhe foi confiada – ela se joga de uma ponte – ele não age de forma diferente dos casos anteriores, analisa o significado do ato, sua linguagem, examina a quem ele se destina, nesse caso, ao pai sob os olhos do qual o ato é cometido.

Os exemplos de Freud, que acabamos de apontar, pertencem ao universo neurótico, eles colocam em cena representantes da economia anal ou fálica, pertencem a um universo já marcado pelo aparelho da linguagem, por ele enquadrado, logo, um universo já estruturado pela metáfora. O corpo “diz”, põe em cena o que o sujeito não pode dizer, mas que potencialmente poderia, o corpo metaforiza a cena. A estrutura do ato e da cena é, aqui, narrativa. Freud é claro nesse sentido, as cenas contam um cenário, uma história, a história de um pedaço de vida que não pode ser assumido pelo sujeito, ela pertence ao universo da linguagem e a seus modos de simbolização, mesmo que seja o corpo que “fala” e “mostra”; e se a história tenta contar ao próprio sujeito, ela é também e talvez sobretudo, narração para um outro sujeito.

Lembramos que nos textos de J. McDougall dedicados às “neo-sexualidades”, frequentemente chamadas de “perversões”, há uma conclusão semelhante em relação a esses quadros clínicos. O “espectador indiferente” de “Estudos sobre a histeria”, a quem o sintoma neurótico é dirigido, irá tornar-se simplesmente “espectador anônimo” nos cenários perversos, variante, dessa vez pertencente ao universo narcísico do primeiro.

Em 1938, em se tratando, dessa vez, do universo psicótico dos pacientes delirantes e na sequência do fim de “Construções em análise”, Freud propõe a

generalização de suas declarações de 1895 no que diz respeito à maneira pelo qual o sujeito psicótico “sofre de reminiscências”; ele estende aos estados psicóticos a observação segundo a qual as manifestações psicóticas também se desenvolvem frente a um “espectador indiferente”, e, portanto, também aparecem como “mensagem endereçada” a esse espectador. Mas desde 1913, na parte dedicada ao interesse da psicanálise para a psiquiatria, Freud afirmou sua fé no fato de que os atos, fossem eles de estereotípias observadas na demência precoce, isto é, na esquizofrenia, não eram desprovidos de sentido, mas apareciam como “resquícios de atos mímicos sensatos, mas arcaicos.”

E continuou:

Os discursos mais insensatos, as posições e atitudes mais bizarras, em tudo onde parece haver o capricho mais bizarro, o trabalho psicanalítico mostra ordem e conexão, ou pelo menos anuncia em que medida este trabalho ainda está inacabado.

O estado inacabado, de 1913, é completado por duas hipóteses propostas por ele em 1938 e que já mencionamos: em “Construções em análise” ele sublinha que o sintoma psicótico “conta” a história de um evento “visto ou ouvido em uma época anterior ao surgimento da linguagem verbal, isto é, antes de 18-24 meses; ele irá adicionar em uma de suas pequenas notas escritas em Londres que o episódio é mantido em seu estado, esta é a segunda hipótese proposta, ou seja, da “fraqueza da capacidade de síntese” da época.

De certa forma, ele subentende o que foi o ponto de partida de nossa reflexão do momento; que o que foi vivido em uma época em que a linguagem verbal ainda não era capaz de dar forma a uma experiência subjetiva tenderá a retornar em uma forma não verbal, uma forma tão arcaica como a própria experiência e, portanto, na linguagem da época, dos bebês e das crianças pequenas, logo, uma linguagem corporal, uma linguagem do ato.

Os desafios da escuta da associatividade não-verbal

Na situação psicanalítica padrão tudo deve supostamente passar pela palavra e pela voz. Quando Freud apresentou essa regra, dita fundamental, a seus analisandos, ele utilizou a metáfora do trem que ilustra bem esse fato importante: “imagine que você esteja em um trem e que descreveria a um passageiro, que não o vê, a paisagem que desfila pelos seus olhos.” Essa metáfora prescreve uma transferência dupla, uma dupla transformação: transferência do campo motor (sensório-motor) – o trem deve

mover-se – do campo visual – trata-se de descrever uma paisagem – e então transferência dessa forma visual em linguagem verbal.

Essas três características perfilam um método para analisar do que a palavra é portadora em análise, o que vem “visitá-la” ou organizá-la, porque se o método prescreve a dupla transferência na palavra ao mesmo tempo do campo sensório-motor e do campo visual, inversamente a escuta da palavra endereçada durante a sessão, a escuta de seu vetor vocal, pode ser um bom meio para tentar identificar tanto as condições de sua escuta como do que ela é portadora desses dois campos, aquilo que produz sua transferência para a voz. Se o corpo carrega a palavra e a voz e inversamente a voz também carrega provas corporais, ela também é um porta-corpo tanto quanto um porta-voz, de si e do outro, como veremos no final.

Mas o que se passa quando esse processo falha? Quando o sujeito não pode transferir suas experiências primárias para o aparelho da linguagem verbal? Quando as experiências sensório-motoras não receberam uma organização tal que ela não se empresta à transferência para o aparelho de linguagem? Questões que para terem pleno sentido supõem que nos inclinemos primeiramente sobre as peculiaridades das experiências arcaicas e sobre a questão da sua reincidência na linguagem verbal.

As experiências subjetivas arcaicas e o sofrimento narcísico-identitário

A subjetividade do bebê não é uma subjetividade unificada, ele atravessa diferentes estados subjetivos e a “fraqueza da capacidade de síntese”, que Freud menciona, não permite que esses diferentes momentos vividos da subjetividade possam ser prontamente unificados. A criança vive em uma “nebulosa subjetiva” (David, 1997), o seu ego é constituído de núcleos “aglutinados” (Bleger, 1967), antes de serem levados para as unidades que constituem um “ego-sujeito emergente.” Isso tem como consequência que as experiências arcaicas podem estar desconectadas umas das outras, não pelo fato de uma clivagem, mas pela falta de integração do conjunto, elas podem ser “parciais” e registradas com essa característica. Aqui D. W. Winnicott enfatiza que o estado não integrado não é semelhante ao processo de desintegração de um estado já integrado. No segundo caso, a ideia de uma clivagem adquire sentido, mas quando os estados subjetivos ainda não estão integrados, a noção de clivagem é desprovida de significado subjetivo.

As experiências subjetivas arcaicas estão intimamente articuladas aos estados do corpo e às sensações vindas dele. A sensação corporal está no centro, é acompanhada por movimentos motores a ela intimamente interligados, dando pertinência à ideia de processos sensório-motores. Elas também podem ser de natureza erótica,

estão subordinadas ao princípio organizado pela dupla prazer-desprazer. Mas o erótico que elas comportam não é do tipo orgásmico, essa é a diferença entre a sexualidade infantil, seja precoce ou “primordial” (C. e S. Botella), e a sexualidade adulta; elas poderiam ser chamadas de “homosensuais”.

As experiências subjetivas são vividas fora do tempo, pelo menos do tempo cronológico, o que significa que, independentemente de sua duração efetiva, elas tendem a ser sem começo e sem fim, especialmente quando carregadas de desprazer. Quando elas são carregadas de prazer, elas tendem a se inscrever em formas rítmicas elementares (R. Roussillon, D. Stern, D. Marcelli) que as organizam em formas rudimentares de temporalidade.

Assim, como rapidamente mencionado, elas não são memoráveis, não podem se constituir em lembranças, elas, então, escapam às formas de memória chamadas “declarativas”. Por outro lado, podem contribuir para a criação de esquemas memoriais, às memórias chamadas “procedurais” pelos neurocientistas, que criam “modelos internos operantes” (Bowlby) e esquemas de tratamento e organização da experiência, e elas tendem a dar sua forma às experiências posteriores, como eu propus dizer em um vocabulário mais “psicanalítico”: elas são processuais (Roussillon, 1991, 1995). Uma consequência importante é que elas acontecem, portanto, “a qualquer hora”, tendem a viajar através do tempo, podem ser reativadas e reatualizadas de forma alucinatória, ao se darem e se apresentarem como “atuais”, como sempre atuais.

Quando elas são reativadas, não se apresentam sob uma forma de re-apresentação à subjetividade, mas como uma apresentação (*Darstellung*), e mesmo que elas tentem “contar” com a ajuda dessa reativação, elas se dão de forma sempre presente. Isso é o que torna difícil identificar como tais reativações ocorrem, elas se misturam com as percepções atuais, ficam intrincadas a estas. É assim também que contribuem para a experiência presente, elas vêm “infladas” de provas de sua presença alucinatória, mas é também assim que elas podem ser modificadas *après-coup*⁸. Elas são, portanto, expressas seletivamente através das formas de afeto, “choque traumático de todo o ser” de acordo com Freud (1926), a da expressão somática pelo ato, e isso, potencialmente, em diferentes fases da vida.

As experiências subjetivas primitivas buscam ser comunicadas (MacDougall, 1996), reconhecidas (Dornes, 2002 e Roussillon) e compartilhadas (Parat, 1995) pelas pessoas significativas do ambiente primitivo. Mas sua comunicação e seu compartilhamento, seu reconhecimento, suscitam dificuldades, elas são sempre mais ou menos carregadas de ambiguidades, sujeitas a interpretação. Por um lado, porque se expressam através de linguagens pouco digitalizadas, que permanecem marcadas

8 Processo reentrante descrito por Edelman e processo chamado de consolidação ou reconsolidação por Alberini (2010).

pela analogia, e através de modelos de representação-coisa, a linguagem do afeto, do registro mimo-gesto-tônico-postural, da ação.

Por outro lado, porque uma parte do seu sentido é inacabada e depende intimamente da maneira como ele é interpretado pelo outro-sujeito a quem se dirige.

É, certamente, a resposta do ambiente que, ao reconhecer o sentido como tal, lhe dá valor de mensagem, que o define como mensagem significativa, como modo de narração, como significativa endereçado. Se não for assim, o sentido “degenera”, perde seu valor proto-simbólico potencial, corre o risco de não ser mais do que uma evacuação insignificante, é anulado em seu valor expressivo e protonarrativo.

Minha hipótese clínica é que são tais experiências de tentativas de comunicação que, de tanto não serem reconhecidas como tais, de não serem qualificadas pelas respostas do ambiente, vão se manifestar nos quadros psicopatológicos da criança, do adolescente ou do adulto e, em particular, na sintomatologia das problemáticas narcísico-identitárias sob forma de expressão corporal: agir ou psicossomática. Por um lado, o ego está globalmente fragilizado pelos ataques narcísicos que implicam a desqualificação ou a não-qualificação das comunicações corporais e afetivas. Por outro lado, as formas dessignificadas destas representam igualmente pontos enigmáticos para o ego que se vivencia como habitado por movimentos insensatos.

A plena inteligibilidade destes enunciados supõe a hipótese complementar de que as vivências assim conservadas são originárias de experiências subjetivas de natureza traumática e, portanto, que mobilizaram, no momento e depois, modalidades de defesas primárias, que assim as subtraíram da evolução ulterior, e com elas porções inteiras da subjetividade e da organização do ego (conforme os “antigos funcionamentos do ego” que Freud cita, em 1923, como estando “sedimentados” no “superego severo e cruel” que se observa na reação terapêutica negativa). O complemento que proponho supõe que seja feita a separação, dentre as experiências arcaicas, entre as que puderam secundariamente ser retomadas e significadas por ocasião de experiências mais tardias, e as que foram mantidas separadas destas formas de retomada a posteriori (*après-coup*), e se apresentam então como furos, conforme a metáfora que Freud propôs em 1896.

Em outras palavras, na evolução “natural” para a integração, ou ao menos suficientemente maturativa, as experiências que precedem o aparecimento do aparelho de linguagem são, ao menos em parte, retomadas no universo da linguagem de três maneiras possíveis.

Retomada no aparelho de linguagem verbal

Pela ligação dos traços mnêmicos e representação de coisa, em primeiro lugar, com as representações de palavras mais tarde adquiridas. A experiência subjetiva é nomeada a posteriori (*après-coup*), as sensações e afetos que a compõem são nomeados, analisados, refletidos, “detalhe por detalhe”, devido a sua ligação secundária nas formas linguísticas. O aparecimento da linguagem verbal e a ligação verbal que ela possibilita, transforma a relação que o sujeito mantém com seus afetos, assim como com suas mímicas, seu gestual, sua postura e seus atos etc. A ligação verbal permite conter e transformar as redes dos afetos e das representações de coisas. É então na própria cadeia associativa que é preciso descobrir seu impacto. As expressões mimo-gesto- tônico-posturais podem então acompanhar as narrativas verbais, elas dão corpo ou expressividade ali onde o sujeito teme que estas sejam insuficientes, ou que as palavras não consigam transmitir o “todo” da coisa vivida. As crianças e adolescentes estão acostumados com esta expressividade corporal de acompanhamento, muitas vezes central para eles, mas ela jamais desaparece completamente da expressão adulta. Nas formas ainda mais elaboradas, o jogo com a linguagem ou com as palavras que a compõem retoma, apoia e desenvolve os jogos anteriores com as coisas, com o registro mimo-gesto- tônico-postural ou com os afetos.

Pela transferência nos aspectos não-verbais do aparelho de linguagem, em seguida, isto é, na prosódia (ritmo, tom de voz, timbre da mesma etc.). A voz “diz” o desmoronamento vivido ao se desmoronar ela própria, seu ritmo de expressão se desagrega, sua intensidade tenta expressar fielmente as variações de intensidade do vivido. O vivenciado, ao se transferir para o aparelho de linguagem verbal, afeta este último nos aspectos mais “econômicos” de seu funcionamento.

E, finalmente, após a adolescência, pela transferência para o próprio estilo de linguagem utilizado, para a pragmática que este confere aos enunciados e que permite que, entre as palavras, na sua própria organização, as coisas se transmitam e sejam comunicadas. Pude, assim, por exemplo, mostrar em outro texto (Roussillon, 1994), como o estilo de Proust e, em particular, seu manejo da pontuação, transmitia ao leitor uma sufocação “asmática”, sem que nada, ou quase, traísse essa vivência no conteúdo do texto em si, em suma, em completa inconsciência. É quando o leitor experimenta o que o sujeito não diz que experimenta, mas que ele transmite “através” de seu estilo verbal. A capacidade de transferir para o estilo da enunciação a riqueza das vivências não é, no entanto, dada a todo mundo igualmente e, em todo o caso, não antes da reorganização da subjetividade da adolescência. As crianças ainda não têm o verdadeiro estilo verbal.

Poderíamos, assim, apenas escutando as cadeias associativas verbais, traçar a história da maneira pela qual algumas experiências subjetivas precoces foram retomadas no aparelho de linguagem. Quando a retomada integradora é suficiente, os três registros do aparelho de linguagem que acabei de mencionar se conjugam para retomar as experiências subjetivas precoces e dar-lhes algum caráter representativo secundário para, secundariamente, simbolizar a experiência primitiva.

Essas diferentes formas de transferência da experiência subjetiva primitiva para o aparelho de linguagem não impedem que mímicas, gestos, posturas corporais, acompanhem a expressão verbal. É nos três registros de expressão da vida pulsional e da vida psíquica que o sujeito as expressa. Ele fala com as representações-palavras, transmite pelo seu gestual, sua mímica, suas posturas, seus atos, as representações de coisas que o animam, expressa através de todo seu corpo a presença das representações-afetos que acompanham as outras formas de expressividade. O domínio da linguagem verbal na expressão de si não deve fazer esquecer a que ponto ela é acompanhada por uma expressividade corporal, sem a qual ela mal cumpre sua função. Uma expressão verbal destituída de afeto e de toda expressividade corporal causa um efeito de desconforto no interlocutor, torna difícil a empatia, deixa transparecer como o sujeito está clivado da criança que ele foi e da base da experiência afetiva humana. As formas de linguagens primitivas, linguagem do afeto e linguagem da expressão mimo-gesto-postural, testemunhos dos primeiros tempos da vida psíquica, primeiras tentativas de trocas e de comunicação, se mantêm toda a vida e permanecem necessárias à expressividade, mesmo quando a linguagem verbal assumiu o domínio sobre as formas da expressão.

O fracasso da recuperação

A questão clínica central, cuja importância acompanhamos no pensamento de Freud e sobre a qual desejamos nos debruçar agora, é a do devir das experiências subjetivas precoces que não puderam ser secundária e suficientemente retomadas no aparelho de linguagem verbal. Específico “suficientemente” porque não se pode excluir, mesmo para aquelas que têm um caráter traumático e desorganizador, uma certa forma de retomada no aparelho de linguagem, pelo menos no que diz respeito a uma parte dos “estados” narcísicos e mesmo dos “estados” psicóticos. Mas o meu foco aqui, particularmente, é o que mais cedo foi subtraído do processo de simbolização da linguagem, por recalque, clivagem ou projeção, vai procurar e encontrar formas de expressão não-verbais.

Em todas as formas de sofrimentos narcísico-identitários sobre as quais pude me debruçar, uma parte do quadro clínico apresentado vai além da única associatividade verbal e se manifesta por uma patologia do afeto ou da ação que me parece, para estender a hipótese proposta por Freud, testemunhar a “reminiscência” de experiências subjetivas que precedem a emergência da linguagem verbal.

A hipótese que eu proponho, complementando a ideia de Freud, é que essas experiências subjetivas tenderão a se manifestar sob formas de linguagens não-verbais que emprestam ao corpo, ao soma, à motricidade e ao ato, sua forma de expressividade e associatividade privilegiadas. Da mesma maneira que a criança “pré-verbal” utiliza o afeto, o soma, o corpo, a motricidade, o registro mimo-gestotônico-postural etc. para comunicar e dar a conhecer como está se sentindo, os sujeitos atormentados por formas de sofrimento narcísico-identitário em relação com traumatismos precoces utilizarão também estes diferentes registros de expressão para tentar comunicá-los e fazer com que sejam reconhecidos e isto de uma maneira central em sua economia psíquica.

Gostaria de refletir sobre outra forma de apresentar o essencial: falar sobre a representação pulsional, e sobre isso propus a ideia de que a pulsão é, também, necessariamente “mensageira”, desenvolvendo-se e transmitindo-se segundo três “linguagens”, potencialmente articuladas entre si, no entanto, disjuntas: a linguagem verbal e as representações de palavras, a linguagem do afeto e os representantes-afetos e, finalmente, a linguagem do corpo e do ato e de suas diferentes capacidades expressivas (mímica, gestual, postura, ato) correspondentes às representações de coisas (Roussillon, 1995 e 2001) (e às “representações”, segundo a fórmula de Vincent, 1986). A partir da consideração de associatividade psíquica, deve ser compreendido não apenas o que se opera entre os significantes verbais, mas também entender como a linguagem do afeto e a das representações de coisas misturam-se às primeiras. Destina-se a entender o polimorfismo de associatividade psíquica.

As experiências subjetivas traumáticas, às quais se refere minha hipótese relativa aos sofrimentos narcísico-identitários, são submetidas às formas primitivas de pulsionalidade, analidade primária (Green), mas também oralidade primária, ou seja, não são reorganizadas sob a primazia da genitalidade, nem mesmo a da “genitalidade infantil” (Freud). São experiências subjetivas que atingem o sujeito antes da organização do “não” (terceiro organizador de Spitz), antes das primeiras formas do “Estádio do espelho” (Wallon, Lacan, 1966) e da emergência da reflexividade, antes da organização da representação constante do objeto e da organização da analidade secundária (Roussillon), isto é, para dar uma ideia aproximada, antes da reorganização da subjetividade que ocorre, na maioria das vezes, entre 18 e 24 meses, e prossegue, em seguida.

Enfatizo esses diferentes “analisadores”, esses diferentes “marcadores” da subjetividade, pois a falha em sua organização vai colorir, especificamente, o tipo de comunicação implicada nas formas das linguagens não-verbais de que trato aqui. Elas testemunharão, muitas vezes, uma organização pulsional “primária” e pouco organizada, uma grande dificuldade na expressão da negação, um fracasso e uma busca de reflexividade, uma dependência das formas de presença perceptiva do objeto. Pode-se dizer, parafraseando Freud, “a sombra do objeto plana e cai sobre as linguagens não-verbais” etc.

Assim, a linguagem do ato e do corpo são, na verdade, fundamentalmente ambíguas, ou seja, elas carregam um sentido potencial, virtual, mas isso depende de qual sentido é dado ao objeto ao qual se dirige. É uma linguagem que, mais do que qualquer outra, é “interpretável”, é apenas potencialidade de sentido, potencialidade mensageira, é sentido ainda não cumprido (Freud diz incompleto), em busca de alguém que responda, não esgota jamais seu sentido apenas na expressão, a reação ou a resposta do objeto são necessárias para sua integração significativa. É, também, por isso que a clínica nos mostra na maioria das vezes uma forma “degenerada” dela, isto é, uma forma na qual o sentido potencial perdeu seu poder gerador, ao não ter sido encontrado quem respondesse, ou este não ter fornecido a resposta subjetivante adequada.

Um primeiro exemplo ajudará a entender o que quero dizer. Conhecemos a estereotípia clássica de certos autistas ou psicóticos fascinados por um movimento de suas mãos que parecem ir e voltar sempre para si. Os autores de orientação kleiniana evocam, então, uma forma de auto-sensualidade. É possível. Imagino, a meu ver, que tal movimento “conta” a história de um encontro que não ocorreu. A primeira parte do movimento parece ir para fora, em direção ao objeto. Imagino, então, um objeto ausente, ou indisponível, ou inacessível, indiferente, um objeto no qual o gesto de encontro “escorrega”, sem poder se amparar em um fragmento de resposta, ele retorna a si mesmo, carregando o que não teve ligação no encontro. Ele gira em falso, em direção a um outro virtual e retorna a si mesmo, esquece em seu retorno para o que ele se dirigia, mas esse vazio, este esquecimento, é repleto daquilo que não ocorreu, esse vazio “narra”, potencialmente, o que não aconteceu no encontro. A sombra do objeto não-encontrado recai sobre o gesto, ele cai sobre o ato “oco”, na sombra.

Pergunto-me se alguns dos significantes formais descritos por D. Anzieu não são formados como uma primeira “narrativa” motora de experiências de encontros e desencontros com o objeto.

Mas a sombra do objeto cai também sobre o corpo e linguagem corporal. Em 1995 levantei a hipótese de que escutar as formas de eventos sensoriais, sensório-motores, presentes em doenças psicossomáticas, consideradas como vestígios de

formas de comunicação de experiências primitivas desqualificadas, é parcialmente possível. A exploração plena das formas clínicas desses modos de manifestações vão muito além dos limites de minhas observações, dever-se-ia, com efeito, retomar, por exemplo, a questão do sintoma psicossomático sob o ângulo da hipótese que propus, ou ainda, a totalidade da questão do lugar do ato e de suas formas na economia psíquica, mas isso nos levaria longe demais.

Eu pararia apenas sobre a questão de formas mais sofisticadas de experiências primitivas na linguagem corporal e sexual. Tenho em mente, particularmente, a questão do fetichismo sexual.

Quando Freud discutiu a questão, ele se referiu ao nascimento do fetiche em caráter traumático, para certos indivíduos, a diferença de sexos e, especialmente, a visão do sexo feminino interpretado como um sinal de castração. O fetiche será escolhido em função de sua proximidade com o local da descoberta, muitas vezes, a última coisa que percebeu antes: suspensórios, botas ou sapatos... Sua interpretação refere-se, assim, à dimensão infantil do sintoma. Mas dificilmente isso explica por que a descoberta é traumática para alguns indivíduos e não, ou menos, para outros.

Em 1927, em seu artigo sobre o fetichismo, Freud abordou o caso do fetiche do “Homem dos Lobos”, fetiche singular, pois é sobre a necessidade da presença sobre a face da mulher amada, para que ela seja desejada, de um “brilho no nariz”. A relutância do texto em inglês para alemão a partir de um “brilho no nariz” ou um olhar que “brilha” no nariz, para mencionar rapidamente. Esse fetiche é singular, é sobre a face, parte do corpo que não é particularmente próxima ao sexo feminino. Em outras palavras, a hipótese de Freud de que o fetiche é escolhido devido à sua proximidade com o sexo feminino, não se aplica. Claro que podemos sempre fazer, como Freud, a hipótese de uma mudança de baixo para cima, mas podemos também perguntar por que fazer tal movimento e se isso não significa outra coisa. Na mesma época (1924) Freud também trabalhou no terror frente à cabeça da Medusa. Mais uma vez ele interpreta a presença de cabelos de serpentes que enfeitam a fronte da Medusa de Caravaggio, ele toma como figura exemplar em sua análise na introdução da representação pictórica em seu texto, em conexão com uma representação anulada da “castração” feminina. No entanto, a figuração proposta por Caravaggio é caracterizada pelo fato de que a face da Medusa é preenchida com o medo em si. Supõe-se que a Medusa “ofusca” o outro com o medo, e a face que é própria de medo, de alguma forma espelhada.

Em ambos os casos referidos por Freud, este interpreta o conteúdo em função da ansiedade de castração, e não há razão para não segui-lo nesse caminho. Mas essa interpretação não esgota a questão nem o material significante que Freud propõe. Ele não conta, de fato, que em ambos os casos é sobre a face que o problema da castração parece movimentar-se, e por isso, escolher a face se é a última percepção anterior

à descoberta do “horror da castração” que deve servir para corrigir o fetiche como Freud avançou em diferentes momentos. A hipótese que proponho, em complemento, tenta dar sentido uma vez que é fato que se trata do rosto, e que este parece funcionar como um espelho, espelho de olhar brilhante que faz brilhar o nariz, espelho de terror que a Medusa supõe provocar.

Winnicott enfatiza que a função primária do rosto da mãe, logo a ligação com o feminino primário na sua concepção, é refletir os próprios estados de ser para a criança e, assim, funcionar como uma forma primitiva de espelho da alma. O passo é tão difícil de atravessar até pensar que a experiência da descoberta do feminino secundário, representada pelo sexo feminino misturam-se ao traço de uma experiência feminina primária, que reflete o rosto da mãe. Que a descoberta da diferença dos sexos vem a se transferir como uma experiência primitiva relacionada com a expressão facial da mãe e da ameaça, por exemplo, da extinção de um “brilho em seu olhar”, para significante primeiro do desejo e do prazer do mesmo olhar que contemplou o filho. Mesclando a “conversa” secundária da criança com a figura do sexo feminino, as formas primárias encontram-se com o feminino.

Não posso multiplicar os exemplos no âmbito desta reflexão, mas eu gostaria de salientar e, finalmente, e em continuação do que eu acabei de mencionar, a ideia de uma linguagem do ato sexual e da sexualidade. Gostaria de mencionar, em primeiro lugar, a relação sexual, em particular, que me parece ser bastante interpretável, conforme a linha que proponho.

O encontro dos corpos, a forma como eles se encontram, como um penetra o outro, o ritmo do “vai e vem”, a doçura, a brutalidade, a postura, intensidade do engajamento de si etc., “contam” para o outro a pulsão de si, mas também contam como, no corpo a corpo primitivo “pré-verbal” com os primeiros objetos, os corpos se encontraram, se penetraram, e como isso pôde ser reintegrado, mediatizado e simbolizado no sexual adulto. Os corpos “falam” o sexual, o ato sexual “conta” a experiência em si e a história da experiência do encontro com o objeto.

A linguagem corporal no mundo animal fornece o último exemplo. A “domesticação” dos golfinhos segue um ritual interessante e pode também ser encontrado em algumas formas de ato sexual ou de encontro corporal no homem. O treinador deve começar colocando uma parte de seu próprio corpo, o braço, por exemplo, para não dizer seu membro, na boca cheia de dentes afiados do golfinho que poderia, num só golpe de mandíbula, cortar o que lhe é oferecido. Mas ele se contenta em exercer uma fraca pressão sobre o membro oferecido, o braço. Ele faz “sentir” que poderia cortá-lo ou machucá-lo, mas ele para sem ferir o “domador” confiante. Então, ele pode retirar o braço, o golfinho se vira e oferece barriga, a parte mais vulnerável de sua anatomia. O domador, por sua vez, coloca a mão sobre o ventre e exerce uma pressão que significa tanto que ele pode exercer seu poder sobre esta

parte vulnerável, quanto o fato de que ele não o faz. Aí está um “diálogo” corporal que me parece ser o protótipo corporal das operações baseadas no que nomeamos a “transferência de base” que se pode observar quando um tratamento psicanalítico se desenvolve bem. Evidentemente, um tal diálogo é polissêmico, pode ser interpretado de várias maneiras, do ponto de vista das formas do sexual engajado, do ponto de vista das implicações narcísicas da vulnerabilidade e da segurança etc., mas não seria também a característica fundamental da linguagem do ato e, de uma maneira mais geral, do corpo.

Las condiciones de la exploración psicoanalítica de las problemáticas narcísico-identitarias

Resumen: El autor propone una reflexión sobre la necesidad de ampliar el psicoanálisis para satisfacer las nuevas problemáticas narcísico-identitarias que no entran en el registro estándar de la práctica psicoanalítica. Resalta por ser uno de los mayores problemas del futuro de la psicoanálisis la extensión de su práctica y las condiciones de la misma, a fin de no perder de vista sus fundamentos, indicando la asociatividad y su escucha.

Palabras clave: patologías narcisistas; método; asociatividad.

The conditions of the psychoanalytic exploration of narcissistic-identity problems

Abstract: The author reflects on the need to expand psychoanalysis in order to meet new narcissistic structures that does not conform to the standards of psychoanalytical practice. It is proposed that this expansion is one of the central issues regarding the future of psychoanalysis as well as the extent and conditions of the psychoanalytical practice not losing sight of its foundations, indicating associativity and listening.

Keywords: narcissistic pathologies; method; associativity.

Referências

- Alberini, C. (2010). La dynamique des représentations mentales. In P. Magistretti, F. Ansermet e O. Jacob (Eds.) *Neurosciences et psychanalyse*. (pp. 29-51). Paris: Odile Jacob.
- Anzieu, D. (1974). Le Moi-peau. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 8, 195-209. Paris: Gallimard.
- Anzieu, D. (1987). Les signifiants formels et le moi-peau. *Les enveloppes psychiques*, 1-22. Paris: Dunod
- Bleger, J. (1967). *Symbiose et ambiguïté*. Paris: PUF.
- Bowlby, J. (1951). Soins maternels et santé mentale. Monographie. Genebra: O.M.S.
- Bowlby, J. (1969). Attachement et Perte. In J. Bowlby, *L'Attachement*. (Vol. 1). Paris: PUF.
- David, M. (1997). *Activité spontanée et fonctionnement mental préverbal du nourrissons*. In Cahors, *Que sont les bébés devenus*. Toulouse: Érès.
- Denis, P. (1992). Emprise et théorie des pulsions. *Revue Française de Psychanalyse*, 1297-1423. Paris: PUF.
- Dornes, M. (2002). *Psychanalyse et psychologie du premier âge*. Paris: PUF.
- Freud, S. (1895). *Etudes sur l'hystérie*. Paris: PUF, 1978.

- Freud, S. (1905). *Le mot d'esprit et sa relation à l'inconscient*. Paris: Gallimard.
- Freud, S. (1908-1909). *Œuvres complètes*. (Vol. 9). Paris: PUF.
- Freud, S. (1909-1910). *Œuvres complètes*. (Vol. 10). Paris: PUF.
- Freud, S. (1914-1915). *Œuvres complètes*. (Vol. 13). Paris: PUF.
- Freud, S. (1921-1923). *Œuvres complètes*. (Vol. 16). Paris: PUF.
- Freud, S. (1921). Psychologie des masses et analyse du moi. In S. Freud, *Essais de psychanalyse*. Paris: Payot.
- Freud, S. (1923-1925). *Œuvres complètes*. (Vol. 17). Paris: PUF.
- Freud, S. (1923). Le moi et le ça. In S. Freud, *Essais de psychanalyse*. Paris: Payot.
- Freud, S. (1926-1930). *Œuvres complètes*. (Vol. 18). Paris: PUF.
- Freud, S. (1937). Constructions dans l'analyse. In S. Freud, *Résultats, idées, problèmes*. Paris: PUF.
- Freud, S. (1938). Le clivage du moi dans le processus de défense. In S. Freud, *Résultats, idées, problèmes*. Paris: PUF.
- Freud, S. (1938). *Abrégé de psychanalyse*. Paris: PUF.
- Green, A. (1973). *Le discours vivant*. Paris: PUF.
- Green, A. (1974). L'analyste, la symbolisation et l'absence. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 10, 225-252. Paris: Gallimard.
- Green, A. (1988). La pulsion et l'objet, préface à Brusset. *Psychanalyse du lien*. (pp. I-XX). Paris: Le Centurion.
- Green, A. (1999). Sur la discrimination et l'indiscrimination affect-représentation. *Revue Française de Psychanalyse*, LXIII (1), 217-272. Paris: PUF.
- Green, A. (2000). La position phobique centrale. *Revue Française de Psychanalyse*, 64 (3), 743-771
- Green, A. (2002). *La pensée clinique*. Paris: Odile Jacob.
- Hebb, D. (1949). *The organization of behavior*. New York: Wileys and Son.
- Ledoux (2005). *Le cerveau des émotions*. Paris: Odile Jacob
- Lacan, J. (1966). *Écrits*. Paris: Seuil
- McDougall, J. (1996). *Éros aux mille et un visages*. Paris: Gallimard.
- Marcelli, D. (1992). Le rôle des microrhythmes et des macrorhythmes dans l'émergence de la pensée chez le nourrisson. *La Psychiatrie de l'enfant*, XXXV (1), 57-82.
- Parat, C. (1995). *L'affect partagé*. Paris: PUF.
- Roussillon, R. (1983). Le médium malléable, la représentation et l'emprise. *Revue Belge de psychanalyse*.
- Roussillon, R. (1991). *Paradoxes et situations limites de la psychanalyse*. Paris: PUF.
- Roussillon, R. (1994). A retórica da influência. *Clínicas Mediterrâneas*, 43-44. Toulouse: Érès.
- Roussillon, R. (1995). A metapsicologia do processo e transicionalidade. *Revue Française de Psychanalyse*, 5, 1375-1519. Paris: PUF. (ou 2001, O prazer e a repetição. Wiley)
- Roussillon, R. (1997). La fonction symbolisante de l'objet. *Revue Française de Psychanalyse*, 2, 399-415. Paris: PUF.
- Roussillon, R. (1999). *Agonie, clivage et symbolisation*. Paris: PUF.
- Roussillon, R. (2003). La séparation et la chorégraphie de la présence In R. Roussillon, *La séparation*. Toulouse: Érès.
- Spitz, R.A. (1965), *De la naissance à la parole, la première année de la vie*. Paris.
- Stern, D.N. (1985). *Le monde interpersonnel du nourrisson*. Paris: PUF.
- Stern, D.N. (1993). "L'enveloppe prénarrative". Vers une unité fondamentale d'expérience permettant d'explorer la réalité psychique du bébé. *Journal de la psychanalyse de l'enfant*, 14, 13-65.
- Stern, D. N. (1994). *Le journal d'un bébé*. Press-Pocket.
- Vincent, J-D. (1986). *Biologie des passions*. Paris: Odile Jacob.

- Vincent, J-D. (2004). *La compassion le cœur des autres*. Paris: Odile Jacob.
- Winnicott, D. W. (1956). La tendance antisociale. In D. W. Winnicott, *De la pédiatrie à la psychanalyse*. (pp. 175-184). Paris: Payot
- Winnicott, D. W. (1967). Le rôle de miroir de la mère et de la famille dans le développement de l'enfan. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 10, 79-86.
- Winnicott, D. W. (1969). *De la pédiatrie à la psychanalyse*. Paris: Payot.
- Winnicott, D. W. (1970). *Processus de maturation chez l'enfant*. Paris: Payot.
- Winnicott, D. W. (1971a). *La consultation thérapeutique et l'enfant*. Paris: Gallimard.
- Winnicott, D. W. (1971b). *Jeu et réalité*. Paris: Gallimard.
- Winnicott, D. W. (1989). *La crainte de l'effondrement et autres situations cliniques*. Paris: Gallimard.

Tradução de Mireille Bellelis Rossi

Revisão técnica de Ana Feldman

René Roussillon
12, quai de Lérbie
69006 Lyon, France
rroussillon7@gmail.com